

**Em 50 anos, a colonização tornou-se avassaladora e atinge actualmente números escandalosos, enquanto continuam a chover milhares de milhões de dólares dos Estados Unidos, da Organização Sionista Mundial e também da União Europeia e seus Estados-membros.**



***... E o Senhor deu  
a Abraão as terras  
de Elon Moreh...***

VOU CONTAR-VOS A HISTÓRIA de ELON MOREH.

Quase todos os que lerem esta inusitada e aparentemente despropositada decisão em tempos ameaçadores e nos quais, para quem tem os pés assentes na terra e não abdicou dos antídotos contra a intoxicação cerebral o único voto decente de ano novo é que o planeta não seja um imenso cemitério antes da entrada de 2026, terão o direito a interrogar-se sobre o que se passa pela cabeça do narrador.

Estejam tranquilos, verão que no fim tudo fará sentido. Um sentido repugnante, assustador, o que nada tem de novo na actualidade, a comprovar que, frequentemente, os pequenos exemplos são os instrumentos mais explícitos de situações amplas e globalizantes que ilustram a decadência ética, civilizacional e humana a que chegaram as nossas cliques governantes, ansiosas por universalizar a decomposição mental acelerada que as atinge. ELON MOREH é um colonato sionista no norte da Cisjordânia ocupada, a poucos quilómetros da histórica e importante cidade palestina de Nablus, que os delírios mitológicos de colonos sionistas europeus em busca da «terra prometida» nas linhas e entrelinhas de dogmas tão sagrados como fic-

cionais designam Siquém.

No universo bélico e objectivamente terrorista dos colonatos criados ilegalmente, e com apoio militar, através de toda a Cisjordânia palestina, em cujo território, de acordo com o Direito Internacional consolidado desde 1948, deverá ser demarcada a maior parte da área do Estado Palestiniano a criar, vivem cerca de 700 mil colonos sionistas, muitos deles – assunto tabu – sem quaisquer ligações ancestrais étnicas à Palestina. Essa horda dominada por grupos fanáticos vocacionalmente criminosos constitui uma imensa milícia de choque pronta para participar, sem olhar a meios, na expulsão ou mesmo extermínio das populações que desde os alvores dos tempos viveram nesses territórios. Sem excluir a possibilidade de envolvimento numa guerra civil se a facção extremista, o denominado sionismo revisionista, que detém o poder em Israel, for seriamente ameaçado.

**«E O SENHOR DISSE A ABRAÃO ...»** ELON MOREH é um desses colonatos. Nem o maior, nem o mais importante, nem o mais estratégico, mas uma espécie de pioneiro, um altar recomendado «pelo Senhor», um precedente intocável para a ilegalidade sionista generalizada

que grassou na Palestina ocupada após a guerra de 1967. Um movimento opressor e de limpeza étnica que – percebemo-lo diariamente – não olha a meios e tem como objectivo último a transformação de toda a Palestina histórica numa entidade chamada Estado de Israel, antecâmara do Grande Israel – a colonização sionista, ocidental e imperial dos territórios do Nilo ao Eufrates assentando cobardemente nas crenças e credências associadas às normas do Pentateuco, os cinco principais livros do Antigo Testamento e da Torá hebraica.

No caso de ELON MOREH encontramos todos os condimentos falaciosos que alimentam a redacção da História planetária actual segundo as consignas únicas ocidentais, as da «ordem internacional baseada em regras», neste caso as que se cumprem recorrendo ao uso e abuso do instrumento «Israel», artifício inventado pelo colonialismo europeu/britânico e o imperialismo norte-americano para controlo geoestratégico do Médio Oriente e correspondentes riquezas naturais.

Quando vos tentarem convencer de que a «economia verde» significa a dispensa dos combustíveis fósseis e até de minerais como o urânio – mas, à cautela, a energia nuclear já se

tornou «verde» – não necessitam de disfarçar o riso, ou mesmo a gargalhada, porque circulam por aí anedotas com muito menos sentido de humor. O Médio Oriente e as suas fontes de combustíveis fósseis – como se observa agora com absoluta nitidez na Síria – geram tanta ambição e estratégias de dominação como antes, como sempre desde a revolução industrial, pelo que o único arremedo de luta em defesa do ambiente e contra as alterações climáticas é a travada pelos papalvos zelosos na separação de lixos domésticos e na utilização de materiais reciclados – nova e lucrativa indústria para alguns, sempre os mesmos – com impacto nulo na travagem do caminho para o abismo ambiental. Quanto às alternativas eólicas e fotovoltaicas, logo que se façam contas sérias e não manipuladas ao cabo de períodos susceptíveis de permitir conclusões objectivas, o fracasso da propaganda e das estratégias de mentira ficarão à vista de todos caso a censura da opinião única não consiga escondê-lo totalmente. Tudo isto para dizer que as guerras para domínio e controlo do Médio Oriente são tão indispensáveis à selvajaria capitalista e imperial como sempre foram. Sendo que o regime sionista desempenha um papel fulcral nessa tarefa e, devido a

isso, pode recorrer sem freios às maiores atrocidades da história moderna, limpeza étnica e genocídio incluídos.

**«HAVERÁ MUITOS MAIS ELON MOREHS»** Não nos desviemos, porém, de Elon Moreh como exemplo pioneiro do recurso à doutrina colonizadora criminosa e fora de lei do sionismo como arma do expansionismo ocidental. Por alguma razão, Menahem Begin, terrorista de formação fascista mussoliniana que depois chegou a primeiro-ministro de Israel, declarou, no desempenho destas funções, que «desde que o conceito de lei se enraizou na raça humana não existiu acto mais legal do que a colonização judaica em todas as partes da pátria judaica; por isso, haverá muitos mais Elon Morehs». Sem razões para espanto, a profecia não falhou e continua a cumprir-se a velocidade cada vez maior e fazendo correr rios sempre mais caudalosos de sangue humano.

Corria o ano de 1979 quando meia dúzia de famílias dizendo-se de «judeus ortodoxos» oriundos de várias partes do mundo, principalmente dos Estados Unidos da América, decidiram instalar-se em terras palestianas do norte da Cisjordânia sequestradas aos seus proprietários por «razões militares» na zona da

aldeia de Bureij.

Os assaltantes sionistas correspondiam à estratégia delineada pelo grupo terrorista Gush Emunim, o «Bloco da Fé», criado em 1974 com base em duas premissas: Deus «pretende que os judeus vivam na terra de Israel»; e anexar progressivamente os territórios ocupados em 1967 – Gaza, Jerusalém Leste, Montes Golã (Síria), Península do Sinai (Egipto) e Cisjordânia – para garantir a «viabilidade» da defesa de Israel, que desde a fundação, em 1948, tinha apenas dez quilómetros de largura no sector mais estreito do território. Em 50 anos, a colonização tornou-se avassaladora e atinge actualmente números escandalosos, enquanto continuam a chover milhares de milhões de dólares dos Estados Unidos, da Organização Sionista Mundial e de ministérios do governo de Israel. E também da União Europeia e seus Estados-membros, através de acordos, negócios, intercâmbios, cooperação e comércio tanto mais intensos quanto exterminadora se torna a barbárie sionista.

Actualmente vivem 700 mil colonos nos territórios palestinos ocupados, cerca de 10% da população israelita; existem 150 colonatos e 128 postos avançados, isto é, colonatos em vias de ser legalizados pelo governo;

40% do território da Cisjordânia é controlado pelos colonatos; 26% da Cisjordânia são «terras estatais», conceito que retorce antiquíssimos códigos otomanos e jordanos de modo a tornar possível o roubo de propriedades privadas palestinianas para colonatos, estradas que sirvam apenas estas estruturas e também parques, estruturas desportivas, piscinas e outros recintos ao serviço exclusivo dos colonos.

Os 700 mil colonos consomem seis vezes mais água, recurso precioso, do que os 3,1 milhões de palestinianos; além disso, os camponeses árabes têm limites de consumo avaliados por contadores montados nos seus poços e estão sujeitos a multas ruinosas se os ultrapassarem.

O aparelho de colonização dos territórios ocupados tornou-se fulcral no sistema de poder sionista. Os ministros das Finanças e da Segurança, os partidários da limpeza étnica Bezalel Smotrich e Itamar Ben-Gvir, são colonos, tal como o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, o major-general Herzi Halevi e numerosos comandantes militares. Uri Ariel, um dos fundadores do movimento Gush Emunim, só deixou em 2019 o cargo de ministro da Construção, da Agricultura e do Desen-

volvimento Rural, que exerceu durante longos anos.

Em meados do ano passado, o criminoso contumaz e sempiterno primeiro-ministro Benjamin Netanyahu aprovou legislação que reduz ao mínimo o processo burocrático para construção de novos colonatos e de mais residências no interior dos existentes; e encarregou o ministro das Finanças, o colono genocida Bezalel Smotrich, de a fazer aplicar.

Antes disso, em 2017, Netanyahu criara um gabinete governamental destinado unicamente a apressar a legalização dos postos avançados, que se multiplicavam como cogumelos, transformando-os em colonatos. Para chefiar esse departamento, o primeiro-ministro designou Pinchas Wallenstein, precisamente um dos fundadores do movimento terrorista e anexionista Gush Emunim.

### **«AOS TEUS DESCENDENTES DAREI ESTAS TERRAS...»**

ELON MOREH é um destes 150 colonatos, não dos maiores mas dos mais antigos e ao qual foi atribuída uma simbologia ultranacionalista no domínio do transcendente, considerada indispensável para a «sobrevivência» de Israel. Situa-se nos montes da Samaria, recorrendo à topografia bíblica que continua a

ser usada pelo sionismo no seu mundo paralelo, precisamente no local onde, de acordo com as ficções do Antigo Testamento, o patriarca Abraão se instalou pela primeira vez na «terra prometida» onde seria suposto «correr o leite e o mel». Ali assentou arraio, e aconselhado a fazer a viagem, quando já não era criança, aos 75 dos seus alegados 175 anos de vida; e tornou a aparecer-lhe exactamente neste local, nas imediações de Siquém, aliás Nablus, na Cisjordânia, junto ao carvalho Moreh, ordenando-lhe que aí instalasse um altar em sua honra. Não há memória da existência de carvalhos na região, mas o catálogo de milagres da Bíblia é infundável – sendo este perfeitamente irrelevante.

O Pentateuco, no livro Génesis (12:7), garante que por essa altura o Senhor disse a Abraão: «aos teus descendentes darei esta terra». E por via das dúvidas, prevendo reivindicações eventuais num futuro longínquo, Isaac, neto do Patriarca, «comprou terras perto de Elon Moreh e Siquém» – Génesis 33:19.

Não podem existir, assim, quaisquer reservas sobre a legitimidade do colonato de Elon Moreh, diga o que disser o Direito Internacional: não apenas o Senhor o ofertou a Abraão como o neto deste fez questão de o comprar. Tudo nos conformes.

ais depois de ter atravessado o Rio Jordão na sua viagem desde Ur, na Caldeia, no sul da Mesopotâmia, de onde era originário. O Senhor tinha-lhe aparecido, como recompensa pelas suas virtudes contra um mundo idólatra e em degradação. Há mais de três mil anos eram os cananeus que ali estavam indevidamente desde a Idade do Bronze; agora os intrusos são os palestinianos, certamente desde tempos antes de Jesus Cristo.

O local inicial onde se instalaram as 17 famílias de colonos oriundas do exterior da Palestina, e eventualmente sem qualquer vínculo étnico à região, foi a aldeia de Bureij, mas razões pragmáticas e prosaicas então associadas à logística da ocupação militar determinaram a transferência para ELON MOREH, a quatro quilómetros de distância.

Como se disse, quando Abraão chegou ao lugar já ali viviam há muitos séculos os cananeus. A situação não levantou qualquer problema ao Patriarca. Os cananeus descendiam de Cam, o filho amaldiçoado de Noé e cujos descendentes estavam, há dez gerações, condenados a ser escravos dos descendentes do seu irmão Sam o filho eleito de Noé e antepassado directo de Abraão.

A Bíblia explica-nos que o

pecado de Cam foi o de ter permitido que o filho Canaã tivesse visto o avô Noé nu enquanto cosia uma bebedeira, uma constangedora invasão de privacidade imperdoável para todo o sempre.

### «AQUI NASCEU ISRAEL!»

Quanto em 1979 os pioneiros sustentados pelo Gush Emunim decidiram instalar-se em Elon Moreh, recebendo para isso um milhão de dólares e apoio logístico do governo sionista, a região era habitada, há muitos e muitos séculos, por comunidades palestinianas, que o sionismo trata como descendentes dos amaldiçoados cananeus; mas as forças armadas e as leis das «terras estatais» elaboradas pelo governo de Telavive, retorcendo velhos códigos otomanos e jordanos, «limparam» o terreno. Numa primeira fase, em 1979, «desanexaram», isto é, roubaram 69,3 hectares de terras aos habitantes da aldeia palestiniana de Deir el-Hatab e 63,9 hectares aos da aldeia de Azmut; e em 1995 reduziram à ínfima espécie a aldeia de Saliem para construir uma estrada que servisse ELON MOREH e o colonato vizinho de Itamar, que afinal fora edificado sobre a aldeia de Bureij, entretanto eliminada do mapa. Uma estrada exclusiva para colonos sionistas, ao perfeito estilo dos

tempos do regime de apartheid na África do Sul. Aos palestinianos não é permitido sequer atravessar a pé essa via.

«Aqui nasceu Israel», apresenta-se ao mundo o colonato de ELON MOREH. E a propaganda turística promete: «Venha ao melhor lugar para ver nascer o sol sobre os montes da Samaria!». No jornal *Jerusalem Post* pode ler-se: «Desistir de ELON MOREH é como desistir do Monte do Templo», isto é, abdicar de construir o novo Templo no lugar onde existem actualmente as mesquitas de Al-Aqsa e do Rochedo, o sonho sionista religioso na Palestina, um dos vários rastilhos possíveis de uma guerra de amplitude mundial.

A Agência das Nações Unidas para a Coordenação dos Assuntos Humanitários (OCHA) fez um estudo segundo o qual a autoridade territorial de ELON MOREH – ou seja, os territórios e estruturas vedados aos palestinianos – excede em oito vezes os limites municipais oficiais de 1550 hectares; e que 63% da área onde está implantado o colonato abrange terras que são propriedade privada de famílias palestinianas – a quem foram, portanto, sumariamente roubadas.

Em ELON MOREH. vivem pouco mais de duas mil pessoas, cujos vínculos à Palestina históri-

ca são mais do que duvidosos, com um nível elevadíssimo de qualidade de vida onde não faltam escolas, centros de saúde bem equipados, excelentes condições de habitação, áreas de lazer, desporto e piscinas.

Nas amputadas aldeias palestinianas de Azmut, Bureij, Saliem e Deir el-Hatab vivem cerca de 15 mil pessoas com enormes restrições de água impostas pela companhia pública sionista Mekorot, excelentemente relacionada Portugal, diga-se, que faz cortes de abastecimento arbitrários, fiscaliza os meios de abastecimento das populações e restringe a utilização invocando os pretextos mais absurdos.

Conjugando situações deste tipo com os permanentes assaltos dos terroristas de ELON MOREH contra as vinhas e as oliveiras dos habitantes das aldeias, seus únicos meios de subsistência, é fácil deduzir que existe uma permanente estratégia de desgaste, empobrecimento e fome para que as populações palestinianas desistam e sigam o caminho do exílio a que foram e são condenados milhões dos seus compatriotas, ao longo de quase 80 anos, perante uma «comunidade internacional» cega, inerte e que invoca as leis

como, citando Eça, o padre Amaro «engrolava» as Avé-Marias.

Existe também, como sistema, uma permanente estratégia de terror sionista.

Visitei a aldeia de Saliem em 1988, algum tempo antes do roubo de uma vasta área do seu território para construção de uma estrada inacessível a palestinianos. Os habitantes estavam ainda traumatizados, em pânico colectivo depois de o comandante de uma guarnição militar de ocupação ter ordenado que quatro adolescentes da aldeia fossem enterrados vivos sob camadas de terra movimentadas por um bulldozer militar. O oficial ordenara previamente ao operador da máquina que passasse por cima dos jovens, mas este teve a coragem de recusar, apesar da ira do superior. Quando os jovens foram resgatados, estavam inconscientes e dois deles tiveram de ser hospitalizados. Habitantes do colonato de ELON MOREH tinham sido convidados para presenciar os acontecimentos. Alguns aplaudiram e exclamaram: «Belo espectáculo».

«Aqui nasceu Israel», diz-se a propósito do colonato de ELON MOREH, cuja história aqui vos deixo. E tudo isto faz parte da normalidade do mundo de hoje.